Lição 13: Que a natureza age por um fim

Bekker: 198 b 34-199 a 33

> *“ DEMONSTRA-SE QUE A NATUREZA AGE POR UM FIM*

255. Tendo exposto a opinião e o argumento daqueles que dizem que a natureza não age por um fim, ele aqui refuta essa posição.

Faz isso primeiro por meio de argumentos apropriados e, em segundo lugar, onde diz: 'Agora, os erros acontecem...' (199 a 33; L14), por meio de argumentos extraídos daquelas coisas a partir das quais os oponentes tentaram provar a posição contrária.

256. Quanto ao primeiro ponto, ele apresenta cinco argumentos. O primeiro é o seguinte. Tudo o que acontece naturalmente ou acontece em toda instância ou na maioria das instâncias. Mas nada que acontece por fortuna ou por aquilo que é *per se* vão, i.e., por acaso, acontece em toda instância ou na maioria das instâncias. Pois não dizemos que no inverno chove frequentemente por fortuna ou por acaso. Mas se chove frequentemente durante os dias caniculares, diríamos que isso acontece por acaso. E da mesma forma, não dizemos que acontece por acaso que haja calor durante os dias caniculares, mas apenas se isso ocorresse durante o inverno.

A partir desses dois pontos, ele argumenta da seguinte forma. Tudo o que acontece ou acontece por acaso ou por causa de um fim. Ora, aquelas coisas que acontecem fora da intenção de um fim são ditas acontecer por acaso. Mas é impossível que aquelas coisas que acontecem em toda instância ou na maioria das instâncias aconteçam por acaso. Portanto, aquelas coisas que acontecem em toda instância ou na maioria das instâncias acontecem por causa de um fim.

Ora, tudo o que acontece segundo a natureza acontece ou em toda instância ou na maioria das instâncias, como até mesmo eles admitiram. Portanto, tudo o que acontece por natureza acontece por causa de algo.

257. Ele apresenta o segundo argumento onde diz: 'Além disso, onde uma série...' (199 a 9). Ele diz que existe um fim para todas as coisas. Aquilo que é anterior e todas as suas consequências são feitos por causa do fim.

Tendo assumido isso, ele argumenta da seguinte forma. Assim como algo é feito naturalmente, assim está disposto a ser feito. Pois 'assim disposto' [aptum natum] significa 'naturalmente'. E esta

proposição é conversível, porque assim como algo está disposto a ser feito, assim é feito. No entanto, é necessário acrescentar esta condição: a menos que seja impedido.

Portanto, convenhamos que não há impedimento. Logo, assim como algo é feito naturalmente, assim está disposto a ser feito. Mas as coisas que acontecem naturalmente são feitas de modo a conduzir a um fim. Portanto, estão dispostas a ser feitas de tal maneira que sejam por causa de um fim. E assim a natureza busca um fim, i.e., a natureza tem uma disposição natural para um fim. Logo, fica claro que a natureza age por causa de um fim.

Ele esclarece o que disse com um exemplo.

Procede-se do anterior ao posterior da mesma forma tanto na arte quanto na natureza. Assim, se as coisas artificiais, e.g., casas, fossem feitas pela natureza, seriam feitas segundo a ordem pela qual agora são feitas pela arte. Assim, a fundação seria construída primeiro, e depois as paredes seriam erguidas, e finalmente o telhado seria colocado no topo. Pois a natureza procede dessa forma nas coisas que estão enraizadas na terra, i.e., nas plantas. Suas raízes, como uma fundação, são fixadas na terra, o tronco, à maneira de uma parede, é erguido no alto, e os galhos estão no topo como um telhado.

E da mesma forma, se as coisas que são produzidas pela natureza fossem feitas pela arte, seriam feitas segundo o modo como estão dispostas a ser produzidas pela natureza. Isso fica claro em relação à saúde, que acontece de ser produzida pela arte e pela natureza. Pois assim como a natureza cura por aquecimento e resfriamento, assim também faz a arte.

Portanto, fica claro que na natureza uma coisa é por causa de outra, i.e., o anterior é por causa do posterior. E o mesmo é verdadeiro na arte.

258. Ele apresenta o terceiro argumento ao dizer: '... e, de modo geral, a arte...' (199 a 16). Diz que a arte produz certas coisas que a natureza não pode produzir, como uma casa e coisas desse tipo. No entanto, em relação às coisas que eventualmente são produzidas pela arte e pela natureza, a arte imita a natureza, como fica claro no caso da saúde, conforme dito acima [#257]. Portanto, se as coisas feitas de acordo com a arte visam a um fim, é evidente que as coisas feitas de acordo com a natureza também são feitas para um fim, já que, em ambos os casos, o anterior e o posterior se relacionam de modo semelhante.

Contudo, pode-se dizer que este não é um argumento diferente do já apresentado, mas sim complementar e um esclarecimento dele.

259. Ele apresenta o quarto argumento ao dizer: 'Isso é mais evidente...' (199 a 20). Este argumento é extraído daquelas coisas na natureza que mais claramente parecem agir em vista de algo.

Ele diz que é muito claro que a natureza age em vista de algo quando consideramos animais que agem nem por arte, nem por investigação, nem por deliberação. É manifesto em suas operações que agem em vista de algo. Por isso, alguns se perguntaram se aranhas, formigas e animais desse tipo agem por intelecto ou por algum outro princípio.

Mas, porque agem sempre do mesmo modo, é evidente que não agem por intelecto, mas por natureza. Pois toda andorinha constrói seu ninho do mesmo modo, e toda aranha tece sua teia do mesmo modo, o que não ocorreria se agissem por intelecto e por arte. Pois nem todo construtor faz uma casa do mesmo modo, já que o artífice julga a forma da coisa construída e pode variá-la.

Se avançarmos além dos animais para as plantas, é perceptível entre elas que algumas coisas foram feitas e são úteis para um fim, como as folhas são úteis como proteção para o fruto.

Portanto, se essas coisas são devidas à natureza e não à arte, isto é, que a andorinha faz o ninho, a aranha tece a teia e as plantas produzem folhas em vista do fruto, e as raízes das plantas não estão acima, mas abaixo, para que possam retirar nutrição da terra, fica claro que uma causa final é encontrada nas coisas que vêm a ser e são por natureza, ou seja, pela natureza agindo em vista de algo.

260. Ele apresenta o quinto argumento ao dizer: 'E como natureza significa...' (199 a 30):

Ele diz que natureza é usada de dois modos, isto é, para a matéria e para a forma. A forma é o fim da geração, como foi dito acima [L11 #242]. E a natureza [*ratio*] de um fim é que outras coisas vêm a ser em vista dele. Portanto, segue-se que ser e vir a ser em vista de algo devem ser encontrados nas coisas naturais.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:47:33 by Admin
Updated 1 October 2026 23:38:51 by Admin